

Eram duas e quinze da tarde de quinta-feira quando o avião Islander da Funai desceu na pequena pista de terra da aldeia xavante de Pimentel Barbosa, no município de Barra do Garça, MT. Os repórteres de uma emissora de TV, de um jornal carioca e do Jornal da Tarde se aproximaram, junto com grande número de índios, esperando ver descer o sertanista Ismael Leitão, que chegaria para assumir a direção do posto indígena, como uma espécie de interventor, de acordo com uma mensagem de rádio enviada de manhã pela presidência da Funai.

Os xavantes estavam inquietos e irritados, pois três dias antes, haviam mandado Ismael embora, no mesmo avião, em que chegara, quando tentou impedir que os xavantes fizessem, por conta própria, a demarcação dos limites da reserva de Pimentel Barbosa.

Mas Ismael não veio no Islander. Além do piloto da Funai desceram apenas cinco desconhecidos, olhos escuros, que se encaminharam rapidamente para a sede do posto. Os xavantes os rodearam e um dos cinco perguntou onde estavam o chefe do posto, Fernando Schiavini de Castro, e o chefe da ajudância de Barra do Garça, Odenir Pinto de Oliveira. "Estão na picada, junto com os xavantes", respondeu Joãozinho, cacique da aldeia São Domingos Savio, uma das várias aldeias existentes dentro da reserva de Parabubure, criada há pouco mais de quatro meses.

O misterioso visitante, que se apresentou aos índios, mais tarde, com um funcionário "do ministério da Justiça" e revelou aos jornalistas, em seguida, ser "do DPF" — Departamento de Polícia Federal, o "Doutor Leão", como se identificou depois — submeteu Joãozinho a um interrogatório bem-humorado, às vezes irônico, tentando sentir até que ponto seriam verdadeiras as notícias sobre um conflito armado entre os Xavantes e os fazendeiros cujas terras foram atingidas pela nova demarcação dos índios.

Fala o cacique Warodi: fora!

As respostas de Joãozinho, um sólido Xavante de 90 quilos, não foram muito esclarecedoras.

O "Doutor Leão" ficou sabendo que havia cerca de 50 Xavantes trabalhando na picada demarcatória, e que os dois sertanistas da Funai estavam junto com eles: "O Odenir está lá com a gente porque ele está dando conselho, porque tem muito Xavante que já está zangado com fazendeiro e quer logo atacar a fazenda. E o Odenir não está deixando". Ao redor, outros Xavantes falavam em sua própria língua. De repente, um silêncio, e só se ouviu uma voz, baixa e pausada. Joãozinho traduziu para os visitantes:

— É Warodi, filho do falecido cacique Apoena e que agora é o chefe de Pimentel Barbosa. Ele está dizendo que não precisa de vocês aqui.

O "Doutor Leão" continuou seu animado interrogatório, até que se ouviu um grito: "Odenir está chegando". O chefe da Ajudância da Funai em Barra do Garça chegava de carro da picada, junto com Cipriano, cacique da Aldeia Auxiliadora, da reserva de São Marcos, um dos vários líderes que haviam vindo para ajudar Warodi na demarcação.

O sertanista e o delegado da Polícia Federal conversaram rapidamente, e decidiram sobrevoar a picada e a área das fazendas englobadas pela nova demarcação. Warodi e Cipriano também foram.

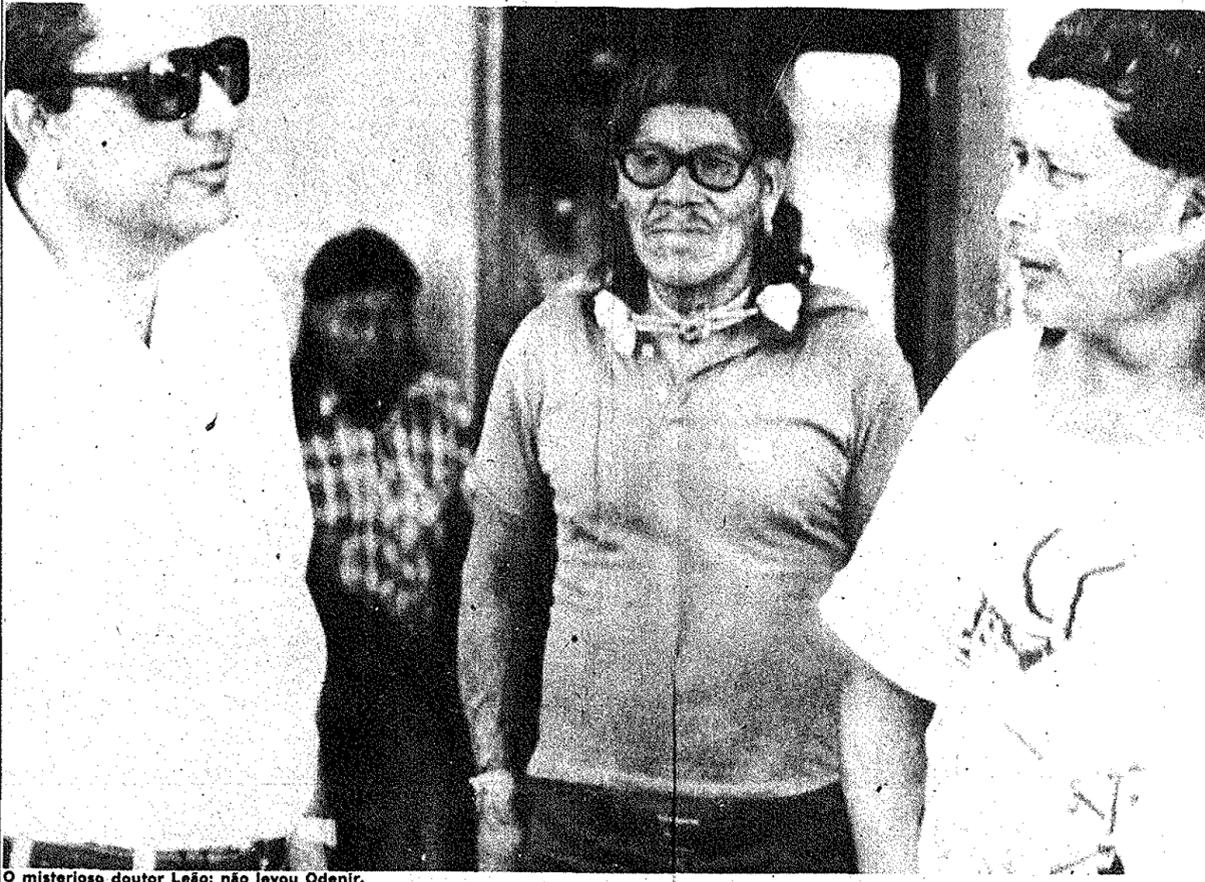
A viagem não demorou muito. Quando voltaram, cipriano contou que o "Doutor Leão" lhe pediu para reunir todos os xavantes, aquela noite, e convencê-los a não continuar a demarcação. Cipriano estava contrafeito: "Nós não aceitamos mais que essa gente venha mastigar o espírito dos índios."

O chefe da Funai quase apanha

"Doutor Leão" e seus colegas ficaram mais quinze minutos na aldeia, e ele concordou inclusive em conversar com os jornalistas: "Nós viemos aqui numa missão de pacificação. Mas vimos que as coisas estão bem. Não há problemas." Ele não fez nenhuma referência à mensagem de rádio da Funai, que, além de anunciar a chegada de Ismael Leitão, intimara Odenir Pinto de Oliveira a deixar a área de Pimentel Barbosa. Segundo os xavantes comentaram depois, "eles queriam levar o Odenir com eles, mas ficaram com medo de nós e também de vocês do jornal".

Os xavantes lutam por sua terra sagrada. E pelo último desejo de Apoena.

Dois de seus cemitérios ficaram fora das reservas e os próprios xavantes decidiram fazer uma nova demarcação. Agora uma picada aberta por eles cerca as fazendas invasoras. Eles estão decididos a cumprir o último desejo do cacique Apoena, considerado o maior líder xavante deste século: expulsar os brancos de suas terras. O repórter Antonio Carlos Moura conta do confronto que pode estourar a qualquer momento.



O misterioso doutor Leão: não levou Odenir.

Na porta do Islander, antes de embarcar para Barra do Garça, onde passaria a noite à espera de notícias, "Doutor Leão" ainda insistiu com Cipriano: "Reúna os índios essa noite."

O cacique respondeu: "O presidente da Funai não faz nada pela gente, só quer enriquecer." Quando o avião decolou, Cipriano revelou: "Até hoje no começo da noite a gente acaba de fazer a picada. O pessoal que está lá só vai voltar quando acabar o serviço. E a reunião, a gente só faz pra discutir esse assunto, se o presidente da Funai vem aqui e fica no meio de nós para escutar o que a gente vai dizer."

Os xavantes que estavam perto riram, e um deles explicou que, as duas vezes em que o coronel Nobre da Veiga, presidente da Funai, esteve em Pimentel Barbosa, este ano, tentando convencer os índios a aceitarem os limites fixados por um decreto do presidente Geisel

em março do ano passado, "ele quase apANHOU".

Um xavante mais exaltado arrancou o mapa da reserva das mãos de Nobre da Veiga, jogou no chão e esmagou-o com golpes de borduna.

O último pedido de Apoena

Em abril de 1978, morreu Apoena, o maior líder Xavante deste século. Seu último pedido: que Warodi, seu filho, expulsasse os brancos invasores da área de Pimentel Barbosa.

Três anos antes, em fevereiro de 1975, o Decreto 75.426, assinado pelo presidente Geisel, criou a reserva indígena, com base num mapa elaborado pelos cartógrafos Valdênio Lopes e Ronaldo Quirino, sob a supervisão da

advogada Lala Mattar Rodrigues, chefe do Departamento de terras da Funai, e do assessor jurídico Getúlio Barros Barreto. Os limites definidos no decreto, segundo denunciou o padre Antônio Iasi, do Conselho Indigenista Missionário, à CPI do Índio na Câmara Federal, foram intencionalmente adulterados por esses funcionários da Funai, mediante uma "Confusão" entre os nomes do Rio Água Amarela e do Ribeirão Água Suja. Esta "Confusão" resultou numa perda de mais de 100 mil hectares de terras dos Xavantes. As denúncias iam mais além: Valdênio, que depois se soube, adquiriu uma fazenda naquela mesma área, representara diversos fazendeiros num outro negócio escuro: em troca de algumas máquinas de costura, uma camioneta e umas poucas cabeças de gado dadas "de presente" ao Xavante, conseguiram que estes aceitassem sem reclamar essa demarcação.

A negociata foi descoberta e o Ministério do Interior mandou abrir um inquérito, no qual se coprovou o envolvimento dos quatro

funcionários, mas que não houve nenhuma punição. A essa altura, Valdênio Lopes já havia deixado a Funai, cuidando apenas dos negócios de sua fazenda.

Os Xavante, estimulados pelo "último pedido" de Apoena, decidiram retomar as terras usurpadas. E, nos últimos dias de 1978, desferiram um ataque contra quatro fazendas, saqueando e queimando as sedes. A tensão chegou a seu ponto máximo na região e, fora dali, intensificaram-se as pressões para que a Funai reparasse a fraude cometida por seus próprios funcionários. Os Xavante, pessoalmente, fizeram várias viagens a Brasília, pressionando a Funai e o Ministério do Interior para que se fizesse um novo decreto demarcatório.

Finalmente, a 9 de março, seis dias antes de entregar o cargo a seu sucessor, o presidente Geisel assinou o decreto, ampliando a área de Pimentel Barbosa ao sul do rio Água Amarela, até o Ribeirão Água Suja, e numa pequena faixa a oeste.

Uma guerra pelos cemitérios

Na ocasião, os Xavante comemoraram com euforia a assinatura do decreto, cuja íntegra, porém, eles não conheceram. Como não chegaram a ver, também, o mapa da nova área.

Quando, dois meses depois, chegou uma equipe do IBGE para fazer a demarcação, o problema estourou. Segundo contam os líderes xavantes, "o pessoal do IBGE não aceitou nenhum índio acompanhando o trabalho". Eles tentaram ir à picada do IBGE, mas foram mandados embora.

Mesmo assim, à distância, eles seguem o trabalho. E, quando perceberam que a divisa oeste não era a BR-158 (Barra das Garças/São Félix do Araguaia), mas que a picada ao norte da área parava uns 10 km antes da estrada e virava-se para o sul, foram até onde estava a equipe do IBGE e interromperam o serviço, expulsando agrimensores e peões. Os Xavante não aceitavam que ficassem de fora da reserva dois antigos cemitérios tribais.

Os caciques cercam as fazendas

Profundamente insatisfeitos, os Xavantes recomeçaram as romarias a Brasília. O ambiente era de tensão. O chefe da ajudância da Funai em Barra do Garça, Odenir Pinto de Oliveira, esteve várias vezes com o presidente da Funai, e lhe mostrou o perigo de uma revolta dos Xavantes que, logo após a colheita do arroz, na segunda quinzena de abril de 1980, poderiam lançar-se a novos ataques contra os fazendeiros próximos à estrada na área pretendida.

O coronel Nobre da Veiga, que no final de 1979 assumiu a presidência da Funai no lugar do engenheiro Ademar Ribeiro da Silva, mostrava-se, porém, irredutível: os Xavantes deveriam contentar-se com os limites impostos pelo decreto de 9 de março de 1978. E os sertanistas da região deveriam convencer os Xavantes a aceitar isso.

Um deputado contra os índios

Como, porém, argumentar com os Xavantes em questão de terra, sem colocar em perigo a própria vida? "O máximo que podemos fazer — explica Odenir — era conscientizá-los de que não deveriam recorrer mais a violência, como fizeram no final de 1978." Além disso, convivendo desde criança com os Xavantes e falando sua língua correntemente, Odenir sentia seus problemas no dia-a-dia e partilhava de suas apreensões.

Por isso, quando Warodi, a 20 de abril, resolveu comandar um ataque às fazendas que tinham ficado fora da reserva, Odenir conseguiu, a duras penas, demover o cacique de Pimentel Barbosa desse propósito. Mas não impediu que Warodi convocasse os caciques Xavantes de outras áreas para uma reunião em Pimentel Barbosa. Dissuadidos do ataque, os caciques decidiram, porém, ocupar de fato a área das fazendas, cercando-as com uma picada em direção oeste, até a BR-158. Para evitar que nesse trabalho entrassem em conflito com os fazendeiros que estavam sendo cercados, Odenir e Fernando, este o chefe do posto de Pimentel Barbosa, acompanharam os trabalhos na picada.

Embora não tenha havido, até ontem, nenhum confronto armado entre os Xavantes e os fazendeiros, sabe-se que estes não se conformam de maneira nenhuma com a sua expulsão, decretada pela nova picada dos Xavantes.

Em Barra do Garça, sede do município, os Xavantes vêm sendo constantemente hostilizados nas ruas pela população, que tem uma visão negativa dos índios em geral, considerados ali, "usurpadores de terras produtivas".

Uma verdadeira campanha contra a ampliação das áreas indígenas vem sendo desenvolvida por políticos locais, como o deputado estadual Evaristo Roberto Cruz, eleito pelo MDB e que aderiu recentemente ao PDS, após uma breve passagem pelo PP. "Beto", como é conhecido o parlamentar, assume hoje, em Cuiabá, a nova Secretaria de Desenvolvimento Social, criada pelo governador Frederico Campos para premiar a adesão do deputado emedebista mais votado, que carregou consigo para o PDS quatro vereadores do PMDB de Barra do Garça, e ainda seu próprio cunhado, Vilmir Perez, prefeito do município.